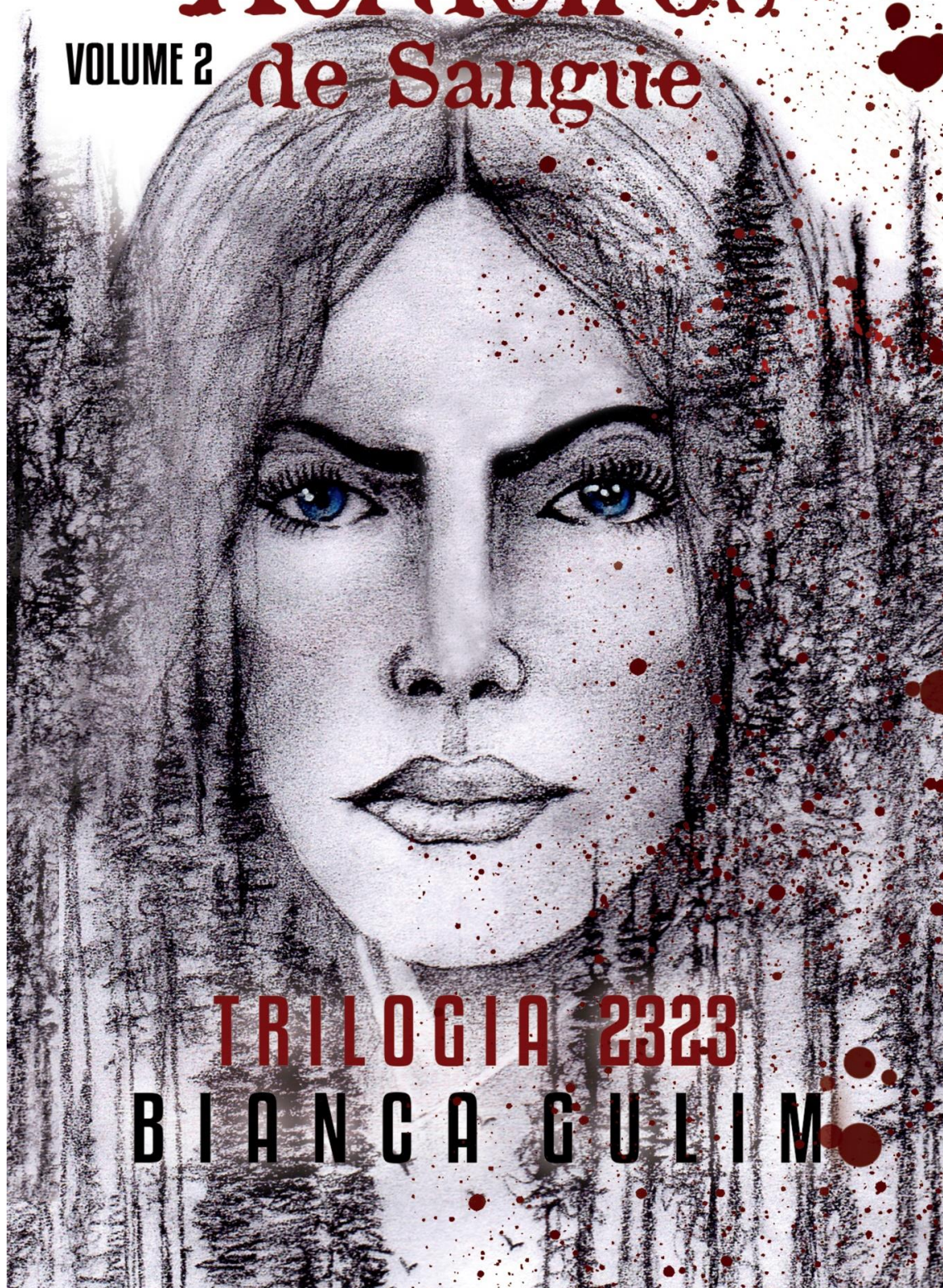


Herdeiros de Sangue

VOLUME 2



TRILOGIA 2323
BIANCA GULIM

TRILOGIA 2323
HERDEIROS DE SANGUE

Todos os direitos reservados ao autor

Bianca Gulim
coordenação editorial

Cecília Costa
revisão de texto

Marcos Costa
arte de capa

Ítalo Natã
diagramação de capa

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica feita pelo autor

Gulim, Bianca.

G972h Herdeiros de Sangue [livro eletrônico] / Bianca Gulim de Carvalho. — São Paulo: autor independente, 2017.
ePUB

ISBN 978-85-923280-1-6

1. Literatura brasileira 2. Romance Distópico 3. Ficção 4. Série

I. Título

CDD — B869.3

CDU — 82-3/49

Copyright do texto ©2017 por Bianca Gulim de Carvalho
Copyright da ilustração ©2017 por Marcos Paulo Andrade Costa

TRILOGIA 2323
HERDEIROS DE SANGUE

BIANCA GULIM

Um

Meu coração martela no peito, quase posso ouvir o barulho das batidas. O líder do deserto continua sorrindo, e eu não consigo desgrudar os olhos dele.

Sem perceber, abaixo a arma e começo a caminhar devagar em sua direção, esperando infantilmente que meus olhos percebam que estão enganados ao chegarem mais perto. Não pode ser meu pai bem na minha frente, ele está morto.

— Celine! — Max me adverte.

Paro. Meu pai continua sorrindo, o sorriso que eu me lembro muito bem de pertencer a ele. Um sorriso cínico, malvado. Conforme o encaro, minha visão vai perdendo um pouco o foco, minha cabeça parece girar. Aperto os olhos com força, nunca me senti tão fraca.

Ignoro a sensação de impotência, me obrigando a olhar para frente novamente.

— Percebo que me ver é um choque muito grande pra você, filha.

Sinto um gosto amargo na boca ao reconhecer sua fala bonita, sua obsessão em se mostrar melhor do que os outros, mesmo que seja através de uma linguagem refinada, algo que não faz diferença para ninguém, que não o torna mais forte no mundo em que vivemos hoje. É ele, é meu pai.

Lembranças que eu nem sabia que meu cérebro guardava vêm à tona. Vejo meu pai discursando para meu povo, usando seu vocabulário apurado para provar que seu lugar é no poder, tomando decisões. Vejo meu irmão derrotado, os olhos voltados para o chão enquanto escuta do meu pai que ele não é bom o suficiente. Vejo meu pai abraçando minha mãe, arrancando-lhe sorrisos e suspiros apaixonados. Ela não o via como realmente era ou achava que seria capaz de mudá-lo?

— Você está morto — as palavras se formam em minha mente e saem pela minha boca de maneira inconsciente.

Sou apenas um fantoche, guiada pelas emoções devastadoras que nunca foram embora. Agora, elas veem a chance de se manifestarem de maneira autônoma, longe do meu controle, da minha razão.

— Eu acho que não — ele responde divertido, olhando para o próprio corpo.

— Eu te vi morrer! — grito, vendo as gotículas de saliva saírem voando pela minha boca.

— Não, querida. Você viu atirarem em mim. E me deixou lá para morrer. Mas tudo bem, você era apenas uma criança, não guardo rancor.

A cena que insiste em se fazer presente em meus sonhos se repete diante dos meus olhos. Vejo Pietro atirando no peito do meu pai, em seguida na testa da minha mãe.

A razão ultrapassa a emoção, me fazendo enxergar que tiros no peito não são necessariamente fatais. Eu sei disso. Por que a possibilidade de meu pai ainda estar vivo nunca passou pela minha cabeça? Por que não pensei nisso antes?

Espero minha raiva se voltar contra mim, apontando o dedo para o erro fatídico de subestimar meu pai. No entanto, minha mente, provavelmente já doentia, vê tudo isso como uma oportunidade. A chance de dizer para esse filho da puta tudo o que eu, hoje crescida e ciente de sua traição, nunca pude.

Reconheço a necessidade de descarregar meu rancor por ele, agora algo possível. Meu pai está bem na minha frente. Não se trata de uma alucinação causada pelo cansaço ou por um resquício do chá de Diná que ainda circula pelo meu corpo. Não, isso é real. O homem que permitiu que nossa família fosse destruída e que covardemente traiu seu próprio povo está diante de mim. Depois de todos esses anos o odiando, o culpando.

Eu o odeio. Com todas as minhas forças, no limite desse sentimento horrível que se instalou em mim de maneira permanente.

— Você matou minha mãe! — esbravejo.

Minhas palavras estão carregadas de uma raiva quase palpável, eu praticamente posso vê-la se materializando em fumaça preta, podre. O sorriso que meu pai tinha no rosto até agora some, dando lugar à expressão aborrecida que meu irmão encarava todos os dias.

— Nunca mais diga isso! Eu amava sua mãe, faria qualquer coisa por ela! — ele grita ainda mais do que eu, parecendo perturbado.

— Mentiroso, desgraçado! É tudo culpa sua! — me descontrolo.

Tudo perde o sentido. Um borrão toma conta da minha visão, deixando um espaço único para o rosto do meu pai. Sou dominada pela necessidade de matá-lo, de estrangulá-lo com minhas próprias mãos, de sentir sua vida se esvaindo a cada tentativa inútil de puxar o ar. Estou prestes a ir em sua direção, mas sou puxada pela cintura.

— Se acalma, agora — Darion sussurra no meu ouvido, e posso sentir seu ódio disfarçado em palavras calmas.

— Celine — a voz do meu pai volta a ficar controlada e tranquila, como se ele não estivesse gritando há segundos atrás — eu entendo sua raiva, e você precisa reconhecer que conhece apenas uma versão da história. Eu sou seu pai, eu te amo. Estou aqui por você.

De repente, toda essa situação se esclarece e o óbvio fica evidente. Sim, ele está aqui. Tudo isso está acontecendo porque ele está aqui. Ele não só matou minha mãe, matou também meu irmão.

Será possível que o homem que me deu a vida seja o responsável por toda minha dor? Ele tirou minha mãe de mim há anos, agora voltou para buscar meu irmão.

— Você matou Julio — concluo baixo, a tristeza maior do que a raiva.

— Chega! — ele volta a se descontrolar, me mostrando o quanto somos parecidos: corações capazes de alternar emoções em questão de segundos, sentimentos que falam mais alto do que a razão. Essa percepção de semelhança me deixa enjoada — Eu sempre amei minha família, nunca machucaria nenhum deles! A morte da sua mãe foi uma fatalidade, uma desgraça que eu preferia que não tivesse acontecido. O mesmo para seu irmão. Agora, eu preciso que você se acalme. Eu não atravessei o deserto para brigar com você dessa maneira. Eu vim te buscar.

— Como é? — escuto os passos de Max se aproximando de mim — Ela não vai a lugar algum.

Meu pai ignora Max, nem sequer desvia o olhar para ele. Eu faço o mesmo. Estou entorpecida, sem reação. Mãe amorosa morta. Irmão protetor morto. Pai assassino vivo. Por quê?

— Minha filha, como eu disse, você escutou apenas uma versão da história — ele se acalma e volta a falar de maneira serena — entendo que seu irmão tenha falado que eu sou um monstro, porque ele me enxergava dessa

maneira. Mas isso não significa que ele estava certo. Ele também conhecia apenas um lado da história.

Sua voz tranquila, que tenta em vão transmitir carinho, me desperta do torpor. O que mais me irrita em sua fala é a maneira como ele usa os verbos relacionados a Julio no passado, já conformado com sua morte. Pai de merda!

— Não fala do meu irmão! Não ouse falar do meu irmão!

— Eu amava seu irmão, Celine!

— Como você pode dizer isso, depois de ter se aliado ao seu assassino?! — digo e olho para Jafar com todo o meu desprezo.

Percebo como o foco da minha raiva vai se alternando: meu pai, eu mesma, Jafar. Tudo bem, há raiva para todo mundo. Raiva é o que não falta em mim, nunca faltou.

— É esse seu problema, filha? Jafar?

Não tenho tempo de responder, tudo acontece muito rápido: meu pai olha para Tonito, assentindo levemente. O líder dos guerreiros da areia tira uma faca da cintura e, antes que Jafar possa sequer perceber o que está acontecendo, passa a lâmina por sua garganta.

Minha boca se abre com o choque. O sangue de Jafar espira para todos os lados, seu corpo levanta poeira ao cair no chão de uma vez.

Tonito limpa o sangue da faca na calça e a guarda novamente na cintura, como se a tivesse usado apenas para descascar uma fruta. Olho para Jafar, vendo a expressão em seu rosto sem vida. Seus olhos continuam abertos, mas ele não parece assustado. Não teve tempo de entender que ia morrer.

Esse é meu pai: ataca rápido e covardemente, não dá oportunidade de defesa para seu inimigo. Julio não teve a menor chance, agora eu sei. Imagino a confusão nos olhos do meu irmão ao descobrir que nosso pai estava vivo, se é que lhe deram o privilégio da verdade. Sinto a preocupação que ele sentiu por mim, quando percebeu que não poderia mais me proteger.

— Sente-se melhor? — meu pai me pergunta. Olho para ele, mas não consigo responder nada — Eu precisava de Jafar para chegar até você, querida. Nunca foi meu plano matar Julio. O líder dos aligortes agiu pelas minhas costas, agora teve o que mereceu — olho para o homem no chão mais uma vez — venha, querida. Você não está mais sozinha, seu pai voltou.

Venha, eu vou cuidar de você — ele diz com a voz aveludada, estendendo a mão para mim.

— Ela não vai a lugar nenhum, seu filho da puta. É melhor você recuar, ou eu vou mandar atirarem e não sobrar nada de vocês — vocifera Max.

Pela primeira vez, meu pai o encara. Seu olhar é frio, estratégico. Para ele, Max é apenas uma peça no seu jogo, um peão que o impede de avançar no tabuleiro.

— Max, Max, Max — ele divaga, e eu posso ver Pietro em seu lugar, divagando seu nome três vezes antes de tentar matá-lo — sabe, não era você que eu pensei que seria um problema para mim. Mas não é que você está me saindo um belo estorvo?

Meu pai dá um sorriso sugestivo, voltando a me encarar com olhos perspicazes. Eu entendo muito bem seu recado, ele está ameaçando Max. Jorge não apenas ataca pelas costas, ele também brinca com seu psicológico, explora suas fraquezas, seus medos.

Aperto a mandíbula com força, sentindo meu nariz tremer. Estou prestes a explodir, é fácil reconhecer os sinais. A vontade de matar meu pai está quase me dominando. O que eu mais quero nesse momento é ver sua cabeça indo pra trás pelo impacto de um tiro, como aconteceu com minha mãe.

Mas sei que isso significaria a morte dos meus guerreiros, do meu povo. Mesmo com as armas da fortaleza, o exército da areia é muito grande. Quantos guerreiros do deserto os amigos de Max conseguirão matar antes de serem atingidos, antes de suas munições acabarem? Eu não tenho condições de lutar, estou fraca, esgotada. Sei que meus companheiros estão como eu, alguns até piores.

Abaixo a cabeça e fecho os olhos, ignorando a tontura que sinto ao fazer isso. Eu me sinto devastada, derrotada, mas fui treinada para lidar com situações como essa. Muito bem treinada.

Forço meus sentimentos a se acalmarem, a permitirem que minha razão me traga uma solução. Resgato os ensinamentos do meu irmão, de Diná.

Volto a encarar meu pai, que estuda meu rosto com atenção. Calculo há quanto tempo ele está pacientemente esperando que eu lhe informe minha posição. É um homem paciente, sabe esperar. Esperou por anos para vir até aqui, certamente planejou seus passos com muita cautela.

Jorge é um adversário forte demais, a verdade é que eu não tenho a mínima condição de vencê-lo hoje. O que não significa que eu vá perder. Podemos empatar essa batalha, deixar que nossas próximas ações definam o resultado dessa guerra.

Em força bruta, estamos empatados. Ele tem mais guerreiros, eu tenho armas de fogo. Um confronto não será vantajoso para nenhum de nós, o lado que vencer terá muitas baixas. Resolveremos essa situação com uma negociação, não com uma luta.

— O que você quer? — pergunto, finalmente.

— Você — ele responde, sem hesitar. Eu? Ele saiu do deserto apenas por mim? Quem ele quer enganar? — quero mantê-la em segurança, Celine. Você é meu sangue, minha filha.

— Sua resposta me ofende. Acha que sou estúpida?

— Celine, chega. Eu não cruzei o deserto para voltar sem você. Eu gostaria de fazer isso de uma maneira mais branda, mas percebo que a lavagem cerebral que você sofreu é profunda.

— Maneira branda? — grito — Isso é ser brando pra você? — aponto bruscamente para os mortos no chão.

— Querida, acha que eu gosto disso?

— Acho — respondo de imediato.

Ele dá uma risada longa, verdadeira.

— Eu sei que você acha, foi uma pergunta retórica. Você está errada. Tudo o que eu fiz foi pensando em sua segurança, nunca no seu mal.

O homem culpado pelas mortes da minha mãe e meu irmão está me dizendo que quer o meu bem. Ou ele é muito ousado em mentir na minha cara depois de tudo o que fez, ou ele é louco a ponto de acreditar nas próprias mentiras. Eu me sinto tendenciosa à segunda opção.

— Você deixou que eu acreditasse que estava morto, se tornou líder do povo da areia, firmou uma aliança com Jafar para que ele tomasse meu povo, deixou que ele matasse meu irmão e, por fim, trouxe um exército enorme para atacar as pessoas que devo proteger. Tudo isso pela minha segurança? — deixo todo nojo e indignação transparecerem em minhas palavras.

— Exceto a parte que deixei que matassem meu primogênito, sim, foi exatamente isso — meus olhos se arregalam involuntariamente diante da sua

audácia em ser sincero — deixei que acreditasse que eu estava morto porque precisava me fortalecer, Celine. Se eu fosse atrás de você fraco, a deixaria vulnerável. A aliança com Jafar foi apenas para te proteger. Infelizmente, ele achou que era esperto o bastante para me enganar. Sabia que eu precisava dele para ter informações a seu respeito e achou que isso o tornava indispensável para mim. Quanto ao exército que mandei atacar as pessoas que você protege, imagine se não fosse eu, seu pai, comandando tudo isso. O que você acha que qualquer outro líder do povo da areia faria com vocês agora? Ou já teria feito, para ser mais realista.

Do que ele está falando? Suas palavras se embaralham em minha mente, não consigo pensar. Não sei se essa confusão é uma reação física causada pelo esgotamento, ou emocional causada pelo ressurgimento do meu maior o inimigo, o pior que poderia ter que enfrentar.

Ele não está disposto a negociar. Apesar das armas de fogo, Jorge sabe que está em vantagem. E eu não encontro nenhuma solução que possa nos salvar.

Olho para Darion, em busca de ajuda. Sou incapaz de nos tirar dessa situação em segurança. A verdade é que já estou derrotada, meu pai me venceu.

Meu melhor amigo vem em minha direção e para na minha frente. Seu olhar é sério, de um jeito estranho. Ele estende a mão para mim, e a princípio eu não entendo, mas sinto o peso do revólver na minha mão. Entrego a arma para Darion, vendo de relance os arqueiros do povo da areia esticarem os braços, prontos para atirar suas flechas em nós. Escuto o barulho metálico das armas dos amigos de Max, eles também estão prontos para atacar.

Antes que eu possa refletir sobre o quanto essa batalha será sangrenta, Darion torce meu braço nas minhas costas, se posicionando atrás de mim. Depois, sinto o metal gelado da arma na lateral do meu pescoço.

Dois

Darion torce meu braço que levou um tiro, fazendo a dor tomar conta de mim. Posso sentir a ferida se abrindo, o sangue escorrendo até meu cotovelo. Uma descarga de adrenalina faz meu coração disparar, mas não é forte o suficiente para trazer energia ao meu corpo.

Reúno todas as minhas forças para levantar a cabeça, olhando para meu pai. Ele está surpreso e sinaliza para que o povo da areia não atire.

— Recue agora, Jorge, ou eu mato sua preciosa filha — Darion ameaça, mais calmo do que eu esperava.

Tento continuar olhando para meu pai, para saber sua reação. Mas meu braço dói muito, manter a cabeça erguida é difícil demais. Não tenho mais energia, sinto dificuldades até em respirar. Só posso torcer para que o plano de Darion dê certo. Ele se apegou ao fato de meu pai ter dito que veio até aqui por mim, mas acho que esse argumento é uma grande mentira. Porém, diante da nossa situação, não custa tentar.

— Darion. Olhe só para você. Da última vez que nos vimos, você era apenas uma criança. Promissora, mas apenas uma criança — me esforço para prestar atenção na voz do líder do deserto, captar seu tom. Ele parece calmo, mas é difícil dizer sem ver sua expressão — nem por um minuto sequer menosprezei seu potencial em me atrapalhar. São poucas as decisões das quais eu me arrependo. Manter você vivo é uma delas.

Apesar da confusão que está minha mente, tento focar nas informações que meu pai nos dá, buscando encontrar sentido em suas palavras. Manter Darion vivo? Ele tinha o poder de matá-lo, caso quisesse? Há quanto tempo ele planeja tudo isso?

— Você fala demais, Jorge, sempre falou. Recue agora ou eu juro que meto uma bala nela!

Darion força o cano da arma na minha nuca, machucando minha pele. Escuto meu pai dando risada debochada.

— Acha mesmo que vou acreditar que você seria capaz de matar Celine?

— Olhe bem para mim, Jorge. Eu não sei se você percebeu, mas não tenho muito a perder. E eu faria um favor a ela, impedindo que você a tenha. Estou disposto a fazer sacrifícios. Amo Celine como uma irmã, mas sua vida não vale as vidas de todo o nosso povo. Sei que ela concorda com isso. A pergunta é: quem perde mais com sua morte, eu ou você? — o silêncio reina, não sei o que está acontecendo, qual a reação do meu pai — Recue agora! — Darion grita e puxa meu braço para cima, forçando-o ainda mais.

Solto uma espécie de rugido, sentindo minha garganta arranhar. Mal reconheço minha voz, o som é animalesco. Minhas pernas vacilam, me fazendo cair de joelhos. Darion não solta meu braço, que dói ainda mais com ele o segurando ainda em pé. Penso que vou gritar de novo, mas minha boca apenas se abre, sem produzir nenhum ruído.

— Solta ela agora, Darion! — é a voz de Max, e não preciso olhar para saber que ele está apontando sua arma para meu melhor amigo.

Tenho vontade de mandar Max ficar fora disso, de olhar pra ele de maneira repreensiva para que perceba que está atrapalhando, mas não tenho forças para nada. Sinceramente, não sei nem como ainda estou acordada. Deve ser a adrenalina.

— É agora, Jorge! Tome sua decisão. Sua filha morre ou você vai recuar?

Darion continua puxando meu braço, sinto como se ele fosse estourar. Minha voz reaparece e eu grito como uma criança, lágrimas molham meu rosto. A dor é insuportável.

— Solta ela, Darion! — insiste Max.

— Se você atirar em mim, eu atiro nela, Max! Eu juro por Deus!

Darion e Max gritam freneticamente um com o outro, mas eu não consigo mais distinguir quem é quem. As vozes se embaralham na minha cabeça, estou muito fraca. Minha visão fica embaçada, não sei se pelas lágrimas ou porque estou perdendo a consciência.

— Tudo bem! Tudo bem! — Jorge se rende.

Os gritos cessam. Meu pai diz alguma coisa que não entendo. Um barulho alto toma conta do ambiente.

Darion me solta, mas mantém o cano da arma na minha nuca. Seguro meu braço ferido, tentando sustentar seu peso, aninhando-o em meu colo.

Uso todas as forças que me restam para levantar a cabeça e olhar para frente. Meu pai continua onde estava, mas seu exército está recuando. Seus olhos queimam de raiva, ele não consegue disfarçar.

Sem desencostar a arma de mim, Darion me pega pela cintura, me levanta e me arrasta para trás. Os soldados da fortaleza ficam à nossa frente, armas em punhos, dedos prontos para puxar os gatilhos.

Entramos na floresta fechada, e eu perco o povo da areia de vista. Sinto o que sobrou de adrenalina deixando meu corpo, o cansaço me consumindo. Tento dizer que preciso de água, mas minha boca não responde aos meus comandos.

Darion me apoia em uma árvore, se abaixa na minha frente e diz algo, mas eu não faço ideia do quê. Seu rosto com traços indígenas é a última coisa que vejo antes de apagar.